

«Um romance cativante que nos mostra a vida extraordinária da mãe do último czar da Rússia e um relato perspicaz da queda de uma dinastia.»

*Publishers Weekly*

ROMANCE HISTÓRICO

# A Imperatriz Romanov

Autor bestseller internacional

500 MIL LIVROS VENDIDOS

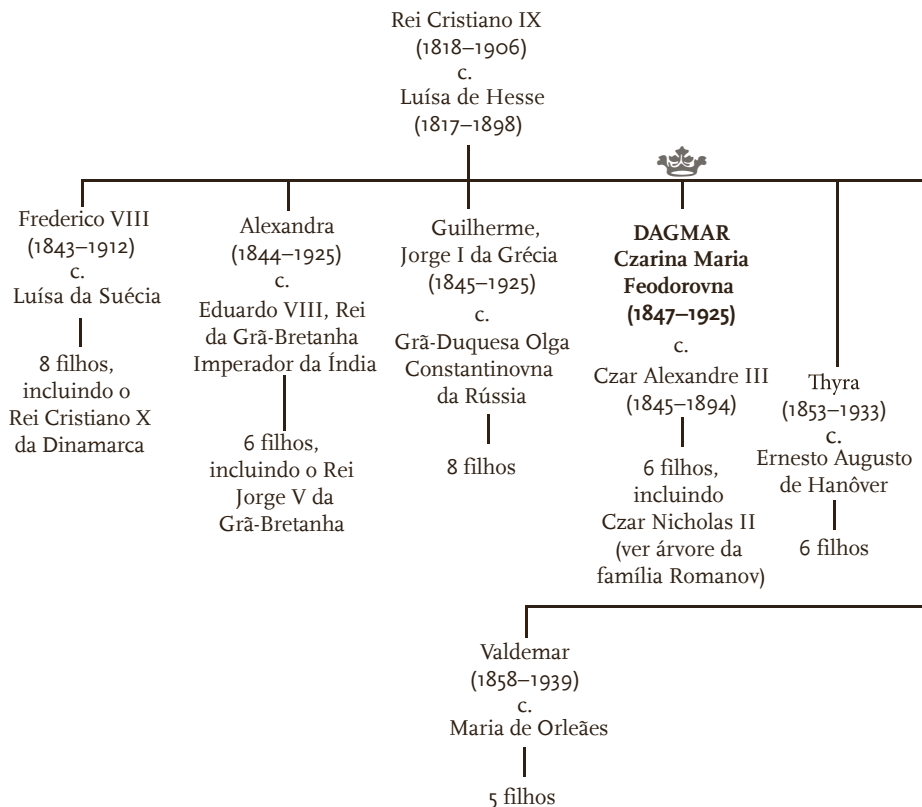
TOP  
SEL  
LER

C.W. GORTNER

*À minha mãe, que me apresentou aos esplendores dos Romanov.*

*A fama e o infortúnio vivem no mesmo pátio.*  
Provérbio russo

# A Família Real da Dinamarca

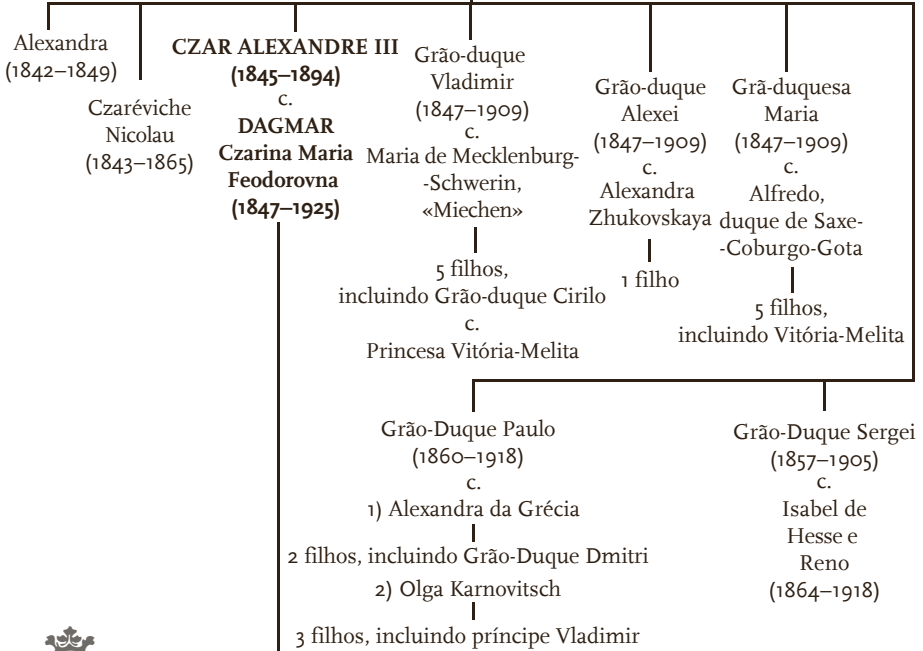


# Os Romanov Imperiais da Rússia



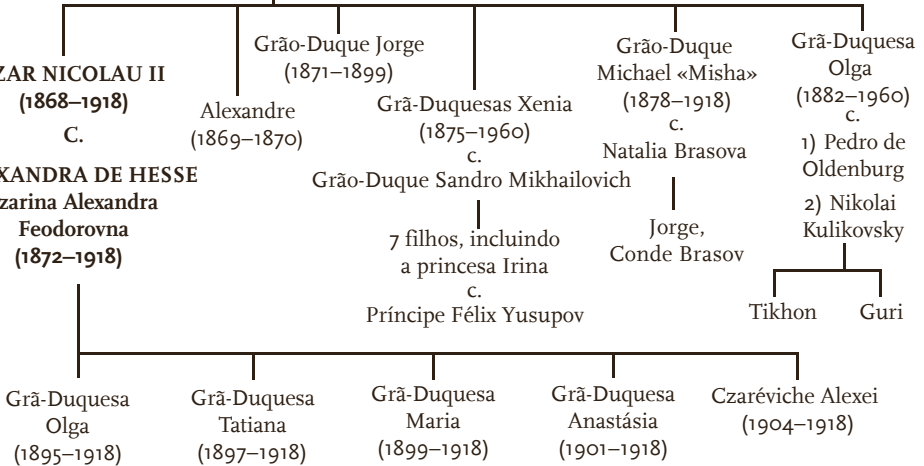
**CZAR ALEXANDRE II**  
(1818–1881)

c.  
1) **MARIA DE HESSE E RENO**, czarina Maria Alexandrovna  
(1824–1880)



**CZAR NICOLAU II**  
(1868–1918)  
c.

**ALEXANDRA DE HESSE**  
Czarina Alexandra Feodorovna (1872–1918)



**Grã-Duquesa Olga** (1895–1918)

**Grã-Duquesa Tatiana** (1897–1918)

**Grã-Duquesa Maria** (1899–1918)

**Grã-Duquesa Anastásia** (1901–1918)

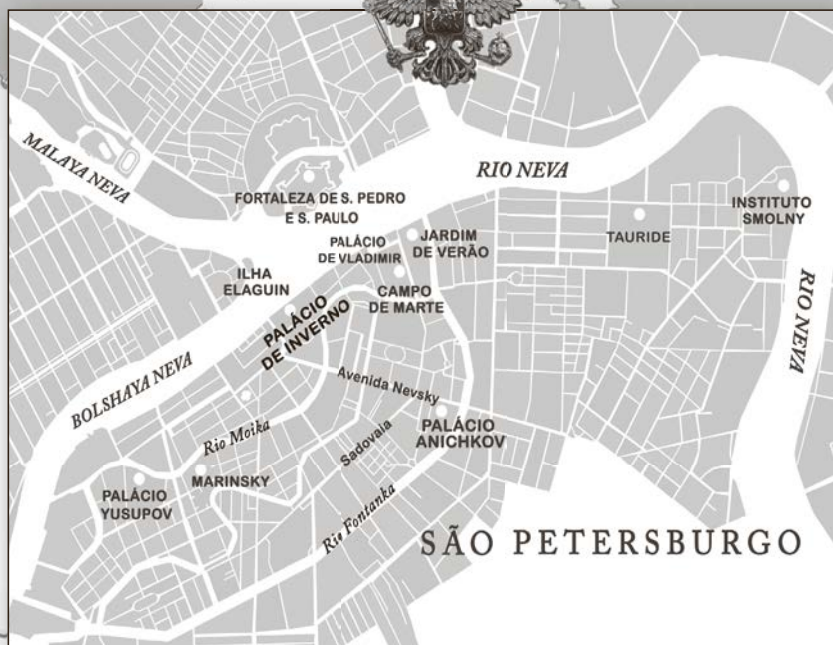
**Czaréviche Alexei** (1904–1918)



ÁRTICO

MAR  
SIBERIANO  
ORIENTAL

MAR  
DE BERING



MONGÓLIA

CHINA

JAPÃO

Parte I  
1862–1866



# *O Palácio Amarelo*



*Eis que chega! A Dama da Dinamarca...  
Para ser a nossa Rainha do Amor.*

MARTIN TUPPER



# Capítulo 1



— Devíamos vestir-nos de igual — disse eu na tarde em que a vida mudou para sempre. Eu ainda não compreendia o quanto a mudança seria profunda, mas conseguia senti-la, ali sentada, a vasculhar a pilha de caixas enviadas pelos melhores empórios de Copenhaga e de Londres, recheadas de sapatos com laços de cetim e chapéus com fitas, roupas interiores de seda, vestidos, espartilhos, xales, luvas de pele e mantos feitos de caxemira fina ou lã escocesa.

— De igual? — De pé em cima de um banquinho enquanto a nossa mãe e a sua criada andavam em volta dela, aproximando os artigos do seu rosto e corpo esguio para determinar quais se lhe adequavam melhor, a minha irmã Alix fitou-me, perplexa. — Como se fôssemos gémeas?

— Sim. — Inclinei duas das caixas que estavam ao meu lado no sofá. — Olha. Agora tens um par extra de tudo. Podemos vestir-nos de igual e ver se o teu noivo consegue distinguir-nos.

As sobranceiras finas de Alix franziram-se. A sua pequena careta agradou-me; mostrava que a minha irmã não era tão imune ao absurdo da situação como aparentava. Antes que ela pudesse responder, contudo, a nossa mãe proferiu uma reprimenda, com aquele leve tom de irritação que usava sempre que eu fazia ou dizia algo desadequado, coisa que, para ela, se estava a tornar demasiado frequente.

— Minnie. Basta. Vestirem-se como gémeas, que absurdo. — A nossa mãe fez um estalo com a língua. — Como se Sua Alteza Real o Príncipe de Gales fosse cego. Ora, tu e a Alix não são nada parecidas.

— Tens a certeza? — Embora a intenção fosse mostrar indiferença, percebi que havia desafio no meu tom de voz. — Podemos não ser

iguais, mas ele só esteve com ela uma vez. Até pode não a reconhecer quando voltar a vê-la.

A nossa mãe ficou imóvel, com um saio de folhos nas mãos. Olhando para aquela seda branca-amarelada, tive de engolir uma onda de fúria. Em tempos passados, nunca poderíamos ter comprado um saio daqueles, nem sequer nenhuma das outras coisas extravagantes espalhadas pelo quarto. Fazíamos as nossas próprias roupas e remendávamo-las. Tínhamos sido felizes no nosso pequeno palácio amarelo em Copenhaga, desfrutando de passeios de verão para nadar no mar, das nossas competições de ginástica e de serões musicais que se seguiam a refeições frugais, em que éramos nós próprios a servir-nos. Os luxos nunca tinham tido importância, não quando nos tínhamos uns aos outros. A nossa família era a nossa maior dádiva. No entanto, ali estávamos nós, sufocadas nas provas visíveis da nossa dissolução iminente.

*Como* era possível que tanto tivesse mudado em tão pouco tempo?

— É claro que Sua Alteza vai amá-la — disse a nossa mãe. — É o seu dever como marido, tal como o é para ela como sua esposa. O que é que te deu, para seres tão impertinente, logo no dia das provas do enxoval da Alix? Não vês que ela já está suficientemente nervosa?

A minha irmã observou-me pelo espelho. Se estava nervosa, não o mostrava. Parecia cansada e pálida, as sombras sob os olhos cinzentos denunciavam o seu cansaço, mas mostrava-se composta — tão composta, na verdade, que o seu olhar firme me perturbava. Apesar da sua pose inabalável, ela deve ter percebido que eu estava a dizer a verdade. Era impossível prever se o casamento ia trazer-lhe felicidade ou desgosto. Mas ela nunca o admitiria em voz alta, não diante da nossa mãe, que trabalhara tanto tempo para esta elevação da nossa sorte, a última de uma grande onda de mudança que me deixara a sentir-me naufragada, a lutar para me manter à tona.

— Eu só estava a dizer... — A minha voz fraquejou perante o olhar fulminante da nossa mãe.

— Nós sabemos o que tu estavas a dizer, Minnie. E já te disse que basta.

Exasperada, amachuquei o papel de seda na caixa de chapéus ao meu lado.

— Talvez seja melhor eu ir dar um passeio — murmurei. — Já que não sou necessária aqui.

— Se não podes fazer-te útil, sim, é melhor. — A nossa mãe virou-se para a minha irmã. — Não há dúvida de que o ar fresco vai melhorar o teu humor e moderar essa tua impertinência. Não te vou deixar distrair a tua irmã com tolices quando temos tanto para fazer.

Ar fresco e um mínimo de tolices eram a solução da nossa mãe para tudo. Ela era acima de tudo sensata, mesmo apesar de no ano anterior termos vivido transtornos suficientes para arruinarem a sensatez de qualquer outra mulher. Mas Luísa de Hesse-Cassel nunca se entregava a tais fraquezas. Exibiu essa confiança pela primeira vez quando desafiou a família para casar com o meu pai, seu primo em segundo grau, Cristiano de Glücksburg, um príncipe empobrecido e não especialmente importante, com quem ela se estabelecera numa existência pobre, apesar de agradável, educando-nos com um desprezo sensato pela pretensão. Agora podia estar prestes a tornar-se Rainha da Dinamarca, por o seu marido ter herdado surpreendentemente o trono do nosso rei sem descendência, ao mesmo tempo que preparava a sua filha mais velha para se casar com o herdeiro da Grã-Bretanha, mas lidava com estas tarefas monumentais como se se tratasse da limpeza diária da sala de estar. E aquela minha impertinência, como ela lhe chamava, confundia-a, pois era algo que nenhum filho seu devia exhibir, especialmente à luz das nossas circunstâncias recém-exaltadas.

Puxando as minhas saias volumosas, marchei em direção à porta, parando ali. Esperei que a minha irmã me chamasse. Queria que Alix dissesse algo, que mostrasse que ainda precisava de mim. Mas quando se manteve em silêncio e eu lancei um olhar desafiador por cima do ombro, vi-a envolta no saiote de seda, enquanto a mamã ordenava à criada que lhe apertasse o espartilho, como se Alix fosse uma boneca.

Ou um cordeiro para o sacrifício.

Para mim, o casamento iminente da minha irmã era basicamente isso.

Não nascemos para a grandeza. A nossa mãe lembrava-nos frequentemente disso na nossa infância, para que não esperássemos mais do que tínhamos. Os que nasciam na riqueza não eram tão afortunados, dizia, e sentava-se comigo e com Alix, ensinando-nos a embelezar as nossas toucas feitas em casa ou a remendar as nossas roupas interiores. Aqueles que começam a vida com tudo não sabem apreciar as

recompensas da aspiração. Sábios conselhos, pois ninguém colheu mais recompensas da aspiração do que a nossa mãe, mas era pouco consolo para mim agora, enquanto atravessava o Palácio Bernstorff, passando pela estatuária e pelas paredes cobertas de espelhos sem um relance, com os saltos a ecoarem nos pisos de *parquet* e a saia rodada a restolhar com os meus passos.

Tínhamo-nos mudado para o palácio um mês antes, mal fora determinado que o nosso pai se tornaria o novo príncipe herdeiro da Dinamarca. Situado numa área espaçosa nos arredores de Copenhaga, o palácio era adequadamente elegante, e muito maior do que a nossa casa amarela da cidade. Os belos jardins eram uma das poucas mudanças que me tinham agradado, com as suas magníficas túlias e caminhos para se passear. O meu irmão mais novo, Valdemar, e a minha irmã mais nova, Thyra, adoravam aquele lugar, deixados livres para sujarem os pés e gatinharem por baixo das sebes. Mas eu já tinha quase 15 anos, e era demasiado crescida para jogos infantis, embora desejasse que assim não fosse quando escapei para o jardim. Desejei ser criança outra vez, livre para correr e para me esconder.

Pondo a mão em pala sobre os olhos, percebi que me tinha esquecido de trazer uma sombrinha ou chapéu. Corria o risco de ganhar demasiada cor. Imaginando a reação da minha mãe, segui em frente, pensando desfazer também a rede incómoda que me prendia os caracóis espessos na nuca e incitar um escândalo. O problema era que não havia ali ninguém para escandalizar. Os jardins estendiam-se diante de mim num vazio verdejante, até que me aproximei da casa em estilo sueco que servia como salão de chá e vi uma figura familiar de fato negro a caminhar do lado de fora, com o fumo do charuto a erguer-se numa nuvem à sua volta.

Papá.

Agarrando nas saias e sem me preocupar por estar a mostrar os tornozelos, corri pelo relvado na direção dele. Ele virou-se, sobressaltado, com o fumo a emanar-lhe da boca por baixo do bigode imponente. Deixara-o crescer para ganhar um ar mais distinto. Eu achava-o engraçado, porque o seu cabelo castanho fino escasseava na parte de cima, contrastando fortemente com aquele matagal denso no seu rosto. E, futuro rei ou não, continuava a ter de ir fumar para a rua, porque a mamã odiava o cheiro e implorara-lhe para que abandonasse «esse vício nojento».

— Terminaram tão cedo? — Um sorriso iluminou-lhe o rosto marcado pela preocupação. Custava-me ver que também ele tinha começado a mudar. Desde que fora decidido que ele ia suceder ao nosso rei doente, o papá tinha perdido o seu ar alegre, como se a coroa já lhe pesasse na cabeça.

— Acho que ainda vai durar várias horas. — Franzi o nariz ao sentir o odor pungente de tabaco que o envolvia. — Elas ainda têm pilhas de coisas para examinar. Não deve ter sobrado um único vestido em Copenhaga. A mamã disse que eu estava a ser impertinente, por isso saí.

— Entendo. — Um sorriso enrugou-lhe os cantos dos olhos castanhos-claros. — E estavas a ser impertinente, minha Dagmar?

Era o nome que ele escolhera para mim, um dos vários nomes com que fora batizada, e o meu favorito, pois todos os outros da família, menos ele, me chamavam Minnie. Dagmar era um nome único que me distinguia, um que em tempos pertencera a uma lendária rainha consorte do nosso país.

Encolhi os ombros.

— Não percebo para que é tanto alarido.

Ele riu-se.

— A tua irmã vai casar com o filho e herdeiro da rainha Vitória. Um dia, se Deus quiser, ela vai ser a rainha consorte da Grã-Bretanha. A maioria das pessoas considera isto razão para grande alarido.

— Talvez para a mamã e para a rainha Vitória. Quanto à Alix, vamos ver. — Vendo a expressão dele ensombrar-se, acrescentei: — Só estou preocupada com ela, papá. A Alix tem andado tão estranha. Ela parece aceitar tudo sem questionar.

Ele expirou, inclinou-se para apagar o charuto no chão, e guardou a beata no bolso do casaco.

— Ela não tem nada para questionar. É uma união muito prestigiosa, que a tua mãe encorajou e a rainha Vitória aprovou. A Alix sabe que deve cumprir o seu dever.

Aquela declaração apanhou-me de surpresa. Eu achava que conhecia Alix melhor do que ninguém, mas não parara para pensar que, de facto, a minha irmã sempre mostrara um sentido de dever exemplar.

Ela era quase três anos mais velha que eu, e tínhamos crescido juntas, partilhando o quarto e as aulas. O nosso irmão mais velho, Frederico,

fora mandado para o estrangeiro para estudar, e o nosso segundo irmão, Willie, tinha sido matriculado na Academia Militar dinamarquesa, ao passo que a nossa irmã mais nova, Thyra, e o nosso terceiro irmão, Valdemar, ainda eram crianças. Alix e eu tínhamo-nos ligado uma à outra, numa casa sempre com falta de fundos e dominada pela nossa mãe que, quando a família se reunia nas férias, dedicava toda a atenção aos nossos irmãos.

Eu sempre me resenti do quanto ela dava a Freddie e a Willie, mesmo apesar de Alix me dizer que era natural, já que uma mãe valorizava sempre mais os filhos rapazes. Eu não entendia porquê, pois éramos nós, as filhas, que a ajudávamos a administrar a casa enquanto os filhos estavam fora. No entanto, ao contrário de mim — que odiava as tarefas intermináveis —, a minha irmã nunca protestava. À noite, sussurrávamos por trás das nossas mãos calejadas do trabalho, nas nossas camas estreitas ao lado uma da outra. Prometíamos uma à outra que um dia íamos comprar uma casa nossa, com chãos que nunca teríamos de esfregar. Teríamos uma centena de cães e pintaríamos horas a fio, pois éramos ambas talentosas com as aguarelas. Tudo isso mudou quando ela aceitou a proposta do príncipe Alberto Eduardo. Ela tornou-se outra pessoa, deixou de ser a minha irmã dedicada; de repente, tornou-se a preferida da nossa mãe, sufocada com a prática da etiqueta, aulas de dança e provas de vestidos, a preparar-se para uma nova vida noutro país, uma vida na qual eu não tinha um papel a desempenhar.

— Já mal a vejo — observei, evitando o olhar do meu pai. — A mamã tem sempre cartas importantes que a Alix tem de escrever, pessoas que devem visitar ou algo que ela tem de provar. Sinto que ela já nos deixou.

— E disseste-lhe isso? — perguntou docemente o meu pai. — Talvez essa tua contrariedade a tenha feito pensar que estás zangada com ela.

Mais uma vez, parei. Estaria eu zangada? Talvez. Não havia dúvida de que não me agradava a prontidão com que ela aceitara este casamento e abandonara as nossas confidências.

— Pareço-te zangada? — perguntei.

— Sempre. — Beliscou-me a bochecha. — És a nossa rebelde.

— Rebelde! — exclamei. — Só porque não quero que as coisas mudem? A nossa vida virou-se de pernas para o ar, papá. Eu nunca esperei nada disto.

Ele suspirou.

— Eu percebo que é difícil para ti. Lamento muito. Mas o casamento é uma passagem essencial na vida, Dagmar. Devemos deixar para trás aqueles que amamos para criar a nossa própria família. — Ele fez uma pausa. — Tu tens quase 15 anos. Nunca pensaste nisso?

— Claro que sim — respondi, embora não fosse verdade. O casamento podia ser inevitável, mas até agora também fora fácil de ignorar. — Mas como é que a Alix pode casar-se com uma pessoa que mal conhece? O Bertie do País de Gales viu uma fotografia dela e pediu um encontro; só foram apresentados na Páscoa — lembras-te? — quando fomos todos a Rumpenheim. A czarina estava lá com o filho mais velho; eu pensei que a Alix gostava do czaréviche. Não há dúvida de que o Nixa pareceu gostar dela, ao passo que ela e o Bertie mal trocaram três palavras. No entanto, agora ela ama-o o suficiente para se casar com ele? — Como o meu pai não respondeu, continuei. — De certeza que tu amavas a mãe quando te casaste com ela.

— Amava. — O rosto dele suavizou-se. — A tua mãe era tão vibrante e determinada. Apaixonei-me assim que a conheci. Ela não era muito diferente de ti quando era jovem. Sabia exatamente o que queria.

Recusei-me a ser aplacada. Naquele momento em particular, não me agradava ser comparada à minha mãe, que tinha conspirado para virar a nossa vida de pernas para o ar.

— Mas antes de conhecer a tua mãe, tentei cortejar a Vitória — acrescentou o meu pai, com um sorriso.

Fui apanhada de surpresa.

— A sério?

— E não fui o único. Dezenas de príncipes tentaram. Ela era a noiva mais cobiçada da Europa. E eu fui bastante ousado, apesar da minha falta de meios. Escrevi-lhe cartas e ofereci-me para a visitar, esperando conquistar a sua mão. Infelizmente, ela desdenhou-me, e a vários outros, para casar com o Alberto de Saxe-Coburgo-Gota.

— Que morreu — resmunguei. — Deixando-a viúva para se intrometer nos nossos assuntos.

— Vamos, vamos. Não deves culpar a rainha. É verdade que o filho do czar manifestou interesse na tua irmã, mas a Alix não queria viver na Rússia, um país cuja língua não fala.

— Eles falam francês na corte russa. Vês? A Alix não sabe nada! Ela também detesta chuva, e ouvi dizer que chove constantemente em

Inglaterra. O que é que ela vai fazer quando não puder sair sem se molhar?

— Vamos certificar-nos de que ela leva muitos guarda-chuvas. — O papá lançou-me outro sorriso. — Eu sei que não é fácil para ti, mas levantar dúvidas agora não vai tranquilizar a tua irmã.

Estremeci. Estava tão absorvida pelos meus sentimentos que não pensara nos sentimentos de Alix. Aproximei-me do meu pai, buscando o seu consolo enquanto ele me punha um braço em volta da cintura e me beijava a testa.

— Outra vez sem chapéu — disse ele. — A tua mãe vai ficar furiosa.

— Junta isso à lista de ressentimentos dela — respondi, e a gargalhada ecoou no peito do meu pai enquanto me guiava ao longo do caminho, com o braço à minha volta, envolvendo-me numa sensação de segurança que me fez perceber que temia perdê-lo também. Eu sabia que o rei estava doente e que estavam em curso preparativos para confirmar o meu pai como príncipe herdeiro. Como ia ser a nossa vida, com ele no trono e a mamã como rainha, com hordas de criados e funcionários a rodear-nos dia e noite?

O pensamento fez-me estremecer. Ele apertou-me com mais força.

— Que outras coisas estão a perturbar-te?

Senti-me tola. Qualquer outra rapariga gostaria de ver a sua posição elevada desta forma, de ter a oportunidade de ser princesa e a filha mais velha, agora que a sua irmã ia partir.

— Temos de ir viver para o Palácio de Amalienborg quando regressarmos do casamento da Alix? — perguntei.

— Infelizmente, sim. O rei Frederico concedeu-me a grande honra de me tornar seu herdeiro, mas não foi uma tarefa simples. Foram precisos meses para todos chegarem a um acordo. Sua Majestade agora insiste que devemos viver de acordo com a nossa posição. — Ele olhou para baixo, porque eu era de pequena estatura, como a minha mãe, ao passo que Alix era alta e esbelta, como ele. — A nossa casa amarela não é adequada para um futuro rei e a sua família. Vamos manter este palácio para o verão e vais ter a tua própria suite em Amalienborg. Não vai ser tão bom? Os teus próprios aposentos, para fazeres o que quiseres, depois de dividires um quarto durante todos estes anos?

— Com a Thyra lá? — Eu referia-me à minha irmã de 9 anos, que me seguia para toda a parte em adoração quando não estava a brincar



com o nosso irmão mais novo. — Ela vai mudar-se para os meus aposentos assim que tiver oportunidade. Não me importo — acrescentei. — Também não saberia o que fazer com uma suite inteira só para mim.

— Mais mudanças indesejadas, não é? Vamos ter de as atravessar da melhor forma que conseguirmos.

Assenti tristemente quando ele me largou e começou a vasculhar o casaco. Preparava-se para extrair a ponta do seu charuto quando, de repente, olhou para o palácio. Seguindo o seu olhar, vi a minha mãe a acenar para nós de uma janela do andar de cima.

— Parece que elas terminaram mais cedo do que pensávamos — disse o meu pai. — Bem. Vamos lá ver o enxoval da tua irmã. Sê amável com ela. Lembra-te do que eu te disse; a Alix não é como tu. Ela não se expressa com facilidade, por isso tenta encontrar um momento para falar com ela a sós. Ela precisa do teu apoio mais do que nunca. Não vos quero em desacordo quando partirmos para Inglaterra.

— Sim, papá — respondi.

Mas eu não tinha a certeza de que queria ouvir o que a minha irmã tinha a dizer. E se descobrisse que ela não ia sentir tanto a minha falta como eu desejava?

## Capítulo 2



O jantar foi servido no salão dos candelabros. Agora tínhamos criados de libré com luvas brancas para nos servirem a sopa, o salmão assado, verduras suculentas, tartes acabadas de fazer, e decantadores de clarete — um banquete que poderia ter alimentado toda a nossa família durante uma semana. Observei a nossa mãe a instruir os criados com uma pose perfeita da sua cadeira, como se tivesse passado a vida inteira a comandar legiões. Os meus irmãos mais novos, Valdemar e Thyra, limpavam-se depois das brincadeiras no jardim e empoleiraram-se em cadeiras douradas à grande mesa coberta com toalhas de linho, e pareciam invulgarmente calmos, como se estivessem perplexos com a quantidade de garfos, colheres e facas de prata que tinham ao lado dos pratos.

— O garfo pequeno é para a salada — sussurrei para Thyra, ao mesmo tempo que dava um toque no utensílio. — O maior é para a carne e o peixe. Ordenam-se de fora para dentro. Vês?

A minha irmã assentiu, com um laço entrançado nos seus caracóis dourados-escuros. Como eu, Thyra tinha uns olhos castanhos grandes e expressivos, e um nariz arrebitado; saía ao nosso pai, ao passo que o pequeno Valdemar era louro, com os olhos azuis-acinzentados e a pele pálida da nossa mãe e de Alix.

Enquanto comíamos, a nossa mãe falou em voz baixa para o nosso pai, sem dúvida sobre o enxoval e os preparativos para a viagem para Inglaterra. Eu mal conseguia ouvi-la, embora no passado, no nosso palácio amarelo, tivéssemos tido conversas animadas às refeições. Era mais um sinal de que a nossa vida já não era a mesma, e quando o pequeno Valdemar, de 4 anos, declarou subitamente: «Eu quero ir para Inglaterra!», deixou-nos mergulhados no silêncio.

Levei o guardanapo à boca para conter uma gargalhada.

— As crianças não são convidadas para os casamentos — repreendeu a mamã. — Vais ficar aqui com a Thyra e com a tua ama até...

— Não. — Valdemar bateu com o punho na mesa. — Eu quero ir!

A nossa mãe olhou para o nosso pai que, tal como eu, parecia a ponto de explodir em gargalhadas.

— Cristiano, querido, por favor informa o nosso filho de que este tipo de explosões não é tolerado.

O nosso pai compôs-se.

— Valdemar — disse ele, tentando soar severo —, dá ouvidos à tua mãe.

O meu irmão fez uma careta. Alix deu-lhe uma palmadinha na mão, murmurando. Valdemar olhou para ela, incerto, antes de perguntar:

— Um comboio novo?

Alix assentiu.

— Prometo. Ouvei dizer que fazem comboios de brincar lindos em Inglaterra.

Tive de me conter para não responder que também fazem comboios de brincar lindos na Dinamarca. Tínhamos um comboio deixado pelos meus outros irmãos, que funcionara perfeitamente até o Valdemar o pisar um dia, num acesso de raiva. Então, para meu espanto, Alix virou-se para os nossos pais.

— Não vejo porque é que ele não pode vir connosco. Afinal, é o meu casamento. Eu gostaria de ter lá toda a nossa família.

Quem diria? Durante todo este tempo, não a ouvira manifestar uma única opinião. Endireitei-me na cadeira enquanto a nossa mãe se debatia com a sua surpresa desconfortável.

— Mas já temos tantas coisas para fazer. A família da rainha Vitória vai estar lá toda, bem como outros convidados importantes. Não posso cuidar das crianças.

— A Minnie pode cuidar delas. — Alix olhou para mim.

Dei comigo a assentir.

— Sim. Claro que posso.

— Muito bem. Então está decidido — disse o nosso pai, com o alívio patente na voz, o que lhe valeu um olhar severo da nossa mãe.

Valdemar teria soltado um grito triunfante se a nossa mãe não lhe tivesse lançado um olhar de advertência. Ele focou-se no prato, esmigalhando o peixe assado até Alix pegar no garfo para o ajudar; enquanto

o fazia, lançou-me um breve sorriso de gratidão. Este desfez a minha hesitação. Se ela queria ter-nos todos lá, devia estar a sentir dúvidas. Decidi tentar encontrar o momento certo para falar com ela.

Depois do jantar, Valdemar e Thyra foram mandados para o andar de cima entre protestos, enquanto nós nos reuníamos na sala de estar. O papá serviu-se de um conhaque e a mamã pegou nos bordados. Enquanto enfiava a linha na agulha, pediu:

— Minnie, toca algo para nós. — Tínhamos um grande piano no palácio, não como o piano decrépito da nossa casa amarela, mas quando me sentei no banquinho e comeci a tocar, parecia que tinha duas mãos esquerdas. Cometia erros constantemente, focada em Alix que estava sentada junto à janela, a olhar para a rua enquanto o crepúsculo cobria os jardins.

— Minnie, é Handel que estás a mutilar? — perguntou a mamã, irritada. As minhas mãos pararam.

Alix virou-se para a sala com um suspiro.

— Foi um longo dia. Acho que me vou retirar.

— A esta hora? — perguntou a mamã. — Ora, ainda nem escureceu.

Mas Alix caminhou indolentemente para junto dela e do papá para lhes beijar as faces. Enquanto se dirigia para as portas da sala de estar, levantei-me de um pulo.

— Eu vou contigo — anunciei, e antes que a mamã pudesse chamar-me, segui Alix para o corredor.

Ela não pareceu reparar em mim, enquanto a seguia, até que lhe toquei na manga. Alix sobressaltou-se e parou abruptamente. No seu olhar desconfiado, vi que ela sabia o que me preparava para dizer.

— Estás demasiado cansada para falar comigo? — perguntei.

Ela sorriu.

— Estava a pensar quando me farias essa pergunta.

— Podias ter-me pedido — respondi, e depois mordi o lábio, não querendo começar a conversa com um tom amargo. — Suponho que tens andado muito ocupada.

— Completamente. Eu não fazia ideia de que planejar um casamento exigia tanto esforço. Se tiver de ver mais um vestido ou chapéu... — Ela fitou-me. — Vamos subir para o meu quarto?

— Não — respondi impulsivamente. Agora ela tinha o seu próprio quarto; eu não queria olhar para as pilhas de coisas novas que iam ser enviadas para Inglaterra. — Vamos conversar na galeria.

A galeria era uma passagem arejada coberta de azulejos pretos e brancos que corria ao longo do jardim do palácio. Encontrámo-la mergulhada na escuridão, as plantas como bestas emplumadas nos seus vasos de porcelana, a penderem sobre os móveis de vime branco que eu detestava porque havia sempre uma ponta saliente que me prendia os vestidos e...

Alix interrompeu a minha hesitação.

— Podes sentar-te. Se puxares um fio, podes mandar repará-lo. Acabou-se a costura à luz das velas; agora temos outras pessoas para repararem as nossas roupas.

Deixei-me cair na cadeira mais próxima em desafio. Não sabia se ela estava a troçar de mim.

— Suponho que gostas de ter criados.

— Porque não haveria de gostar? — Ela sentou-se à minha frente. — É tão bom não ter unhas partidas e polegares picados pelas agulhas. — O olhar dela encontrou o meu. — Tu não gostas?

Encolhi os ombros.

— Os criados falam. Têm olhos e ouvidos. Preferiria que todos os minutos do meu dia não se tornassem assunto de coscuvilhice.

Ela baixou o olhar, brincando com o laço do seu punho.

— Pareces zangada, Minnie.

— Pareço? — Irritei-me ao ouvi-la repetir as palavras do nosso pai. — Talvez tenha bons motivos para isso.

Ela ergueu o olhar. Nas sombras da galeria, os olhos dela pareciam imensos no seu rosto fechado.

— Que motivos?

Quis dizer-lhe que estava zangada porque ela ia casar-se com um homem por quem não podia sentir qualquer afeto, porque sabia que a culpa era da mamã, que tinha forçado Alix a cumprir o seu dever. Não sabendo por onde começar, dei por mim a dizer:

— Porque é que aceitaste?

Ela ficou imóvel, sem desviar o olhar, mas com aquela distância a assomar mais uma vez aos seus olhos. Aquilo encorajou-me a acrescentar:

— Não é possível que gostes dele. Mal o conheces.

O tom dela foi cauteloso.

— Achas que eu teria aceitado casar-me com ele se achasse que ele era desadequado? Não — respondeu ela —, ainda não o conheço, nem

sei se ele me fará feliz. Mas ele pediu a minha mão e vai fazer-me princesa de Gales. Ponderei o assunto com muito cuidado antes de dar o meu consentimento.

— O teu consentimento? Ou o consentimento da mamã? Alix, eu sempre pensei...

— O quê? — retorquiu ela. — O que é que sempre pensaste?

Tive dificuldade em responder, surpresa com a seriedade dela.

— Eu... não sei. Só pensei que nós as duas íamos casar quando nos apaixonássemos, como o papá e a mamã fizeram.

Ela sorriu. Fiquei abalada ao ver o vinco subtil da sua boca — tão estoico e resignado, como quando enfrentava um dos nossos infinitos montes de roupa para remendar.

— Minnie, já não somos crianças, à espera das histórias de embalar do *Herr Grimm*. O papá vai ser rei. Temos de fazer os casamentos que melhor honrem o nosso país. A Dinamarca pode não ser uma nação poderosa, mas ainda temos inimigos, principalmente a Prússia. Aquele demónio do Bismarck não gostou que o papá tivesse sido escolhido para suceder ao trono em detrimento do seu candidato preferido. O tempo dos contos de fadas já passou.

— Contos de fadas? — levantei a voz. Parei e respirei fundo para me acalmar. A minha irmã obediente, que nunca prestara atenção ao mundo lá fora, de repente estava a falar como uma diplomata. — Não se trata de contos de fadas. O czaréviche — achas que casar com ele não nos honraria? Atrevo-me a dizer que o Império Russo é mais poderoso que o Britânico. E o Nixa ama-te.

— Ama-me? — A voz dela ganhou um tom de troça. — O Nixa Romanov não me ama.

— Não? Bem, então imitou muito bem. Eu vi como ele olhava para ti em Rumpenheim, onde conheceste o entediante Bertie de Gales. O Nixa passou praticamente o tempo todo a falar contigo. O papá disse-me que ele teria pedido a tua mão, mas que tu disseste que não poderias viver na Rússia porque não falas a língua. Alix, eles falam francês na corte Romanov. O teu francês é muito melhor do que o teu inglês.

— Eu só disse isso para poupar o Nixa ao embarço. Ele só ia pedir-me em casamento porque o pai dele mandou. O czar Alexandre não quer que o filho fique noivo de uma prussiana.

— Tu não és prussiana.

— Não. Mas o Nixa não me queria. — Ela olhou-me com uma franqueza inquietante. — É possível que não entendas?

De repente, senti que me faltava o ar; quase me retraí quando a mão dela tocou na minha.

— Era para ti que ele não conseguia parar de olhar quando estávamos em Rumpenheim — continuou ela. — Estava arrebatado. Sempre que falava comigo, só me fazia perguntas acerca de ti. Queria cortejar a tua mão, mas o papá não aceitava. O czar tinha enviado o filho para me cortejar. Eu simplesmente poupei toda a gente a muitos problemas deixando claro que não estava interessada.

Fitei-a, sem palavras, coisa que me acontecia muito raramente.

Ela deu-me uma palmadinha na mão.

— Oh, Minnie. Como é possível que sejas tão cega? Toda a gente percebeu. Até o entediante Bertie, como lhe chamas, comentou que o Nixa estava a comportar-se como um garoto apaixonado.

Os meus pensamentos viajaram até ao tempo que passáramos em Rumpenheim. Lembrei-me das cavalgadas matinais, dos almoços ociosos sob pavilhões no relvado do castelo, das danças e jogos de *whist* à noite. No entanto, por mais que tentasse, não conseguia recordar-me do herdeiro russo; era uma figura vaga e indefinida com botas polidas. Conhecia a sua mãe, a czarina, há anos. Ela tinha nascido princesa de Hesse-Darmstadt, do ramo governante da família da minha mãe, mas sempre achei a imperatriz Maria Alexandrovna muito distante, com o seu semblante patricio e olhos tristes e ao mesmo tempo sagazes, que pareciam julgar em silêncio os nossos modos simples enquanto ela estava sempre envolta em peles de marta que nunca teríamos podido comprar. No entanto, ela e a mamã trocavam correspondência regular, e a imperatriz fazia questão de nos convocar sempre que atravessava a Alemanha ou a Dinamarca a caminho das suas férias anuais em Nice. Assim, tínhamos conhecido o seu filho mais velho, Nicolau, ou Nixa, como era conhecido, nas ocasiões em que ele a acompanhara. Para mim, era apenas mais um rapaz: educado e privilegiado, pouco dado à familiaridade. Na verdade, não conseguia lembrar-me de ser alvo da sua atenção. E durante o tempo que passámos em Rumpenheim, eu estava tão focada no seu interesse em Alix que aparentemente me esquecerera de *olhar* para ele. Não me agradava ter deixado escapar o que a minha irmã agora dizia que todos tinham visto.

— Não digas disparates — respondi. — Ele nunca me quereria se pudesse ter-te a ti.

Alix afastou a mão.

— Isto não é uma competição. Ele apaixonou-se por ti. Ele só deixou Rumpenheim sem te pedir em casamento porque o papá não admitia que ele te desse a volta à cabeça sem que o czar aprovasse o casamento primeiro. O Nixa Romanov nunca será meu marido. No entanto — acrescentou ela, como se afirmasse um facto irrefutável —, pode ser teu.

Eu fiquei tão perturbada que não sabia o que dizer.

— Devias pensar no assunto — disse Alix. — O Nixa parecia determinado e garantiu ao papá que a czarina vai apoiar o casamento, tal como a mamã. E talvez o czar Alexandre aprove, uma vez que também não és uma princesa prussiana.

— Eu não sou uma princesa de todo! O papá ainda nem foi coroado.

— Já somos princesas aos olhos do mundo. — Algo no seu tom me arrepiou. — Tens de crescer agora, Minnie. De ver o mundo como ele é, não como gostarias que fosse. Como filhas do rei da Dinamarca, vamos ser procuradas como noivas reais.

— Tu não — lembrei-a. — Agora pertences ao Bertie de Gales.

— Sim. — Ela levantou-se no meio de um restolhar de seda cinzenta. — O meu futuro está decidido. O teu, por outro lado, não está. Deves escolher sabiamente. Ouve o teu coração, mas usa também a cabeça. O amor pode conquistar tudo em sonetos, mas não é necessariamente o que nos mantém seguras.

Olhei para ela, enraizada no meu lugar. De tudo o que ela poderia ter dito, esta era a última coisa que eu esperava ouvir.

— Seguras? — sussurrei. — Escolheste o Bertie para te dar... segurança?

— Entre outras coisas. Mesmo que o Nixa me tivesse pedido em casamento, eu teria recusado. Não quero mesmo viver na Rússia. Não sou como tu; não é da minha natureza ser aventureira. — Ela fez uma pausa. — Ainda estás zangada comigo?

— Nunca estive zangada contigo — sussurrei.

Ela sorriu novamente, mas desta vez era um sorriso paciente.

— Estavas sim. Muito zangada, creio. E não deves. Ainda somos irmãs. Vou amar-te sempre mais do que tudo.

Tive vontade de a abraçar. Semiargui-me, com as lágrimas a arderem-me nos olhos, avassalada pelo que ela me tinha dito, pela minha própria



ignorância das intrigas que procuravam enredar-nos como uma máquina invisível, a trabalhar eficientemente e em segredo, para arruinar as nossas vidas.

Antes que eu pudesse tocar-lhe, Alix recuou.

— Agora não. — A sua voz fraquejou. — Teremos muito tempo para nos despedirmos. Ainda não está na altura.

Ela saiu da galeria. Enquanto desaparecia para dentro do palácio, subindo a escadaria até ao seu quarto, não me rendi ao frio que alastrava dentro de mim.

Estava a perder a minha irmã para a segurança. Na imensidão deste conhecimento, não pensei mais na revelação de que o herdeiro Romanov podia tentar casar-se comigo.

## Capítulo 3



**R**egressámos a Copenhaga e ao nosso palácio amarelo, e aos seus cadeirões cobertos com mantas para esconder o recheio de crina a escapar-se pelos lados, e entrámos nos quartos baixos com as suas agualelas emolduradas pintadas por nós, e as cortinas desbotadas, que laváramos e remendáramos vezes sem conta.

Por muito contente que estivesse por regressar a casa, a nostalgia tomou conta de mim à medida que os dias passavam. Este palácio onde vagueáramos quando éramos crianças começara a desvanecer-se como um fantasma, recuando nas suas próprias paredes cansadas enquanto o futuro se infiltrava cada vez mais no nosso presente.

A mamã e Alix eram inseparáveis, trancadas horas a fio, a supervisionar os detalhes do enxoval ou a visitar senhoras aristocratas que de repente tinham descoberto a nossa existência e insistiam em oferecer um almoço para a futura Princesa de Gales. O papá também se ausentava frequentemente, indo à corte a pedido do rei enfermo, deixando-me com as crianças para passar o tempo, já que as tarefas diárias que tinham ocupado o meu tempo eram agora feitas pelos nossos novos criados.

Ler em voz alta os nossos estafados livros de contos de fadas ou brincar com o meu irmão e irmã mais novos afastava a melancolia. No entanto, continuava a preocupar-me com o seu futuro, tão jovens ainda e já prestes a serem catapultados para os olhares do público como membros de uma família real. Eu queria protegê-los, mesmo que não houvesse nada que pudesse fazer; mal conseguia proteger-me a mim mesma. À noite, ficava acordada, a inventar meios de fuga fantásticos. Embarcávamos num navio, disfarçados, e navegaríamos para as colónias

(que colónias, eu não sabia), onde nos tornaríamos pessoas comuns (a fazer o quê, eu não sabia). Ou o papá iria perceber que não queria governar e rejeitaria a coroa, devolvendo-nos à vida que conhecíamos, porque a rainha Vitória dificilmente quererá Alix para noiva do seu filho depois disso, e...

Teria sido capaz de me rir das minhas ilusões, se não soubesse o que estava por vir. E quando o inverno desceu sobre a Dinamarca, o iminente março de 1863 e a partida de Alix aproximaram-se cada vez mais, sussurrando a sua inevitabilidade com as rajadas de vento e neve.

Então, subitamente, o nosso alívio chegou ao fim. Antes que eu pudesse organizar os meus pensamentos, a casa irrompeu num pandemónio — arcas embaladas e transportadas para o navio, a mamã a marchar de um lado para o outro a berrar ordens aos criados que cobriam os móveis com lençóis, transformando o nosso palácio numa mortalha. Agora era realmente um fantasma.

— Tens medo? — sussurrei para Alix na noite antes de partirmos, depois de esperar horas até que a nossa mãe saísse do quarto dela, para podermos ter algum tempo a sós.

Ela abanou a cabeça.

— Porque haveria de ter?

Mas ela tinha medo. Eu conseguia vê-lo nos seus lábios apertados e na forma como erguia o queixo quando embarcámos no comboio para Bruxelas, de onde entrámos no iate real da rainha Vitória, despachado especialmente para nós. Os nossos patrícios dinamarqueses encheram o cais para se despedirem, acenando e gritando o nome dela. Eu tive de conter o riso. Nunca ninguém tinha gritado os nossos nomes; parecia ridículo.

A minha diversão transformou-se em espanto quando chegámos a Inglaterra.

Ali, Alix foi recebida com toda a pompa. Embora a chuva de início de março caísse sobre nós como lâminas geladas, fazendo-nos tremer nas nossas vestes novas — que tinham sido muito caras, como a nossa mãe não se cansava de nos lembrar —, milhares de súbditos da rainha Vitória ladeavam o caminho até Londres, aplaudindo Alix na sua caruagem coberta. Ela viajava com a mamã e Bertie, que nos recebera com um sorriso sardónico por baixo do bigode e, conforme detetei, um leve toque de perfume feminino na sobrecasaca. Viajando com o papá na

carruagem atrás da minha irmã, desviei o olhar dos britânicos alegres, todos eles aparentemente imunes à chuva gelada, e olhei para o meu pai.

Ele murmurou:

— Guarda-chuvas —, obrigando-me, mais uma vez, a morder o lábio para não rir.

Guarda-chuvas, sim. Alix precisaria de dezenas deles.

Embarcámos num comboio na estação de Paddington. Já tinha anoitecido quando chegámos ao Castelo de Windsor. Depois de mais uma viagem de carruagem até ao castelo, atrasada por mais multidões de súbditos que tentavam ter um vislumbre da sua nova princesa, os meus pés estavam a gelar e as minhas mãos estavam congeladas dentro das luvas de pelica novas, embora eu mal tivesse percebido o desconforto enquanto saíamos a cambalear das carruagens e nos encaminhávamos para o castelo.

Em vez disso, estava ansiosa, com a perspectiva de conhecer a rainha. Vitória era famosa em todo o mundo. Subira ao trono aos 18 anos, e sob o seu reinado os britânicos tinham embarcado numa expansão implacável dos seus domínios, reclamando a distante Índia e trazendo mais brilho à sua coroa. No entanto, o seu casamento dedicado com o príncipe Alberto, com quem tivera nove filhos, fora destruído pela morte precoce dele, pondo todo o império de luto. Apesar do nosso isolamento, até eu tinha ouvido falar da sua dor avassaladora, com a minha mãe a dizer que se a rainha tivesse tido escolha, ter-se-ia feito sepultar com ele. Imaginei-a como uma deusa antiga — severa, implacável, vestida de preto — e a minha primeira visão dela veio confirmar isso mesmo.

Ela estava no *hall* de entrada rodeada pelas suas damas, uma coleção de saias rodadas e toucas de folhos. Ela destacava-se não por vestir preto — todas elas vestiam tons dessa cor sombria —, mas porque a sua autoridade silenciosa atraía imediatamente a atenção de todos. Não era alta; na verdade, era muito mais baixa do que eu esperava, mas ninguém poderia tê-la confundido com outra pessoa. Vitória Regina tinha uma pose que dizia que o mundo girava à sua volta, que não era ela que se movia no mundo.

Levantando o véu que lhe encobria o rosto — evidentemente, ainda não abandonara o luto — ela pestanejou, fitando-nos com os seus olhos lacrimejantes, antes de perguntar, irritada:

— Onde estivestes?

O silêncio abateu-se sobre todos nós. Perguntei-me onde ela pensaria que tínhamos estado, até que o seu filho Bertie deu um passo em frente e disse:

— O povo.

Com um aceno de cabeça contido, como se isso fosse explicação suficiente, a rainha dirigiu o seu olhar para Alix. Antes que a minha irmã pudesse fazer a vénia devida, Vitória envolveu-a num abraço.

— Por fim, chegastes — disse ela, como se não tivesse feito mais nada para além de aguardar a chegada de Alix.

Todos fizemos as nossas vénias. Enquanto a rainha agarrava a minha irmã, tive de desviar o olhar para evitar a visão daqueles braços rechonchudos vestidos de negro, enrolados em volta de Alix como as asas de um corvo.

Vitória abraçou Alix durante tanto tempo que temi que a sufocasse. Quando recuou, as lágrimas brilhavam nos olhos da rainha quando soltou uma reprimenda:

— Chegastes muito tarde. O jantar será servido dentro de uma hora. Sugiro que ides para os vossos quartos para trocar de roupa. Não posso juntar-me a vós; esta espera deixou-me esgotada. Vejo-vos amanhã.

E com isso, a rainha deu meia-volta e partiu, com o séquito de damas fúnebres nos seus calcanhares, seguidas de uma matilha de *spaniels* surpreendentemente dóceis.

Alix lançou-me um olhar por cima do ombro. Não parecia assustada. Parecia resignada.



A semana que se seguiu foi repleta de atividades de preparação para o casamento. Não consegui aproximar-me de Alix em público, porquanto estávamos rodeadas de centenas de pessoas, sendo a rainha o ponto focal em torno do qual todos deviam girar. No entanto, vi Alix e Vitória a desenvolverem uma afinidade inconfundível. A rainha não era dada a demonstrações de afeto, mas durante o jantar ou o chá, ou num dos seus passeios intermináveis nos jardins fechados, com aqueles *spaniels* que nunca se afastavam muito, ela pousava discretamente os dedos no braço de Alix — um gesto maternal e possessivo que indicava que,

no que lhe dizia respeito, a minha irmã, como tudo aquilo a que ela dava o nome, pertencia agora à Grã-Bretanha.

O que não aliviou nem um pouco a minha indignação.

O nosso pai foi praticamente ignorado, tratado como um hóspede insignificante, embora fosse o pai da noiva, o herdeiro do nosso rei e duque de Schleswig, Holstein e Lauenburg — em título, se não na prática. Perguntei-me se a sua antiga e fútil corte a Vitória era algo que a rainha não desejava recordar. Ela só se dignava a falar com ele quando o protocolo o exigia, e depois de estabelecido o protocolo, falavam pouco. A nossa mãe estava demasiado ocupada para se mostrar ressentida, andando de volta de Alix sempre que tinha a oportunidade, e perseguindo Thyra e Valdemar, que escapavam dos meus cuidados para correrem pelo castelo, brincando às escondidas com a filha de Vitória, Vicky, Princesa Real da Prússia, assustando os criados e agitando as armaduras nos seus nichos.

Num dia claro (ou tão claro quanto possível em Inglaterra), saímos a cavalo. O nosso pai era um cavaleiro exímio devido ao tempo passado na Guarda Equestre dinamarquesa, função que desempenhara para nos sustentar com o seu pobre salário, antes de se tornar herdeiro do rei. Ele insistira para que todos aprendêssemos a montar quando éramos crianças; Alix gostava de cavalos, mas preferia as éguas plácidas, ao passo que eu não tinha tais medos. Para mim, nada se equiparava à emoção de montar a cavalo, à potência e à velocidade. Era o mais próximo que algum dia chegaria de voar, e participava nas excursões com vigor, juntando-me aos homens e mulheres para passeios fora do castelo, nos numerosos montes do estábulo real. Fiquei orgulhosa ao ver o meu pai redimir-se, conquistando até um elogio reticente de Vitória quando demonstrou a sua perícia com as rédeas no pátio.

No entanto, eu precisava de improvisar um fato de montar. Ninguém contemplara a possibilidade de eu ter de exibir a minha perícia a cavalo e, uma vez que não tinha um chapéu adequado, simplesmente preendi o cabelo numa rede e enfrentei o olhar espantado da rainha.

Vitória não montou, retirando-se para o seu gabinete, mas o seu filho mais novo, Alfredo, de 18 anos, veio. Ele tinha-se mantido afastado, um jovem de beicinho com os olhos azuis tédidos da sua mãe e uma careta permanente. Parecia desagradado com tudo, excetuando comida e bebida, que consumia prodigiosamente. Planeando cavalgar

ao meu lado, ele tocou com a perna na minha e fez o meu cavalo puxar o freio.

— Estais a gostar da festa? — Ele olhava-me de soslaio. Sem saber de que festa ele falava, sorri e fiz o cavalo avançar, para me juntar a Alix e Bertie. Apesar das minhas dúvidas iniciais, tinha aprendido a gostar do meu futuro cunhado. Viajado e cosmopolita, Bertie revelara uma afabilidade para com Alix que me dizia que, se não estava mais apaixonado por ela do que ela por ele, estava pelo menos determinado a cultivar o respeito mútuo.

Regressámos ao castelo consideravelmente mais animados depois de algum tempo ao ar livre. Quando me dirigi para o meu quarto para mudar de roupa para o chá — um ritual solene em que Vitória exigia a presença de todos — uma das suas ubíquas assistentes fúnebres intercetou-me.

— Sua Majestade deseja ver-vos.

Uma audiência privada era algo altamente invulgar, mas também não se punha a hipótese de pedir um momento para me compor. Quando a rainha nos chamava, devíamos obedecer. Passando a mão sobre as saias amarrotadas e retraindo-me ao detetar o cheiro de cavalo nos meus dedos, segui a dama pelos corredores de Windsor, de paredes forradas de tapeçarias, até um gabinete revestido a lambris. Depois de bater à porta, ela deixou-me especada na soleira.

— Podeis entrar — gritou a rainha.

Entrei numa sala gélida onde conseguia ver a minha própria respiração. Embora houvesse ali uma lareira, estava completamente limpa. A sala estava repleta de decorações, como a maior parte do castelo, onde o *bric-a-brac* se acumulava sem um propósito definido, preciosos objetos medievais ao lado de mesas a transbordar de daguerreótipos em molduras de prata ou estatuetas de porcelana, as paredes cobertas de pinturas esfumaçadas e os cantos todos ocupados com bustos de mármore ou livros.

Ela estava sentada à sua escrivaninha, diante de uma pilha de papéis, com a caneta na mão. Eu ouvira dizer que ela era uma correspondente dedicada, passando horas todos os dias a escrever missivas a parentes e ordens aos governadores em lugares distantes do seu império. Não ergueu o olhar quando entrei, deixando-me com as luvas e a touca apertadas entre as mãos antes de dizer:

— Dizem-me que dominais muito bem a sela.

— Obrigada, Majestade. — Devia fazer uma vénia ao elogio? As minhas pernas doíam-me de andar a cavalo. Se fizesse uma vénia, até onde deveria baixar-me antes de poder voltar a erguer-me, dolorosamente?

A caneta arranhou o papel.

— Montais frequentemente dessa maneira?

— Sim, Majestade. Na Dinamarca, tento montar tanto quanto posso...

— Não. — Lançou-me um olhar penetrante. — *Assim*.

A princípio, não entendi o que ela queria dizer. Então, quando ela baixou os olhos, percebi.

— Eu não tinha chapéu, Majestade. — Resisti ao desejo de passar a mão pelos meus caracóis desgrenhados.

— É o que parece. — Continuou a escrever. Então, passou o mata-borrão sobre a tinta da carta e disse: — Poderíeis ter pedido um. Estou certa de que poderíamos ter-vos fornecido um chapéu, Dagmar.

— Minnie — respondi, e enquanto me escutava a corrigi-la, pensei que devia estar louca. — Só o meu pai me chama Dagmar.

— Sim? — A expressão dela era inescrutável. — Ele gosta muito de vós?

Que tipo de pergunta era aquela? Se ele *gostava* de mim?

— Ele é meu pai, majestade. Ele ama a sua família. E nós amamo-lo.

Uma expressão de desamparo cruzou-lhe o rosto. Tive vontade de morder a língua. Um marido, que era um pai afetuoso para os seus filhos — e ela tinha perdido o dela.

— E é assim que deve ser. — Ela levantou-se, puxando duas cadeiras estofadas para junto da lareira apagada. — Vinde sentar-vos comigo. Desejo conversar mais convosco.

Sentei-me ao lado dela. A cadeira parecia enorme, engolindo-me inteira, e a almofada estava gelada. Como é que ela conseguia passar o dia inteiro sentada àquela mesa, numa sala tão fria que podia ter servido para armazenar carne?

— O Alfredo diz-me que montais como uma inglesa — disse ela.

Eu sorri, supondo que fosse outro elogio. Na opinião dela, os ingleses deviam fazer tudo melhor que os outros.

— E ele diz que estais a gostar do vosso tempo aqui — continuou Vitória. — É verdade?

Ela duvidaria da palavra do filho ou estaria a testar a minha apreciação da sua hospitalidade? Tendo em conta a forma como ignorara o meu pai, a suspeita tomou conta de mim. Contive-a e respondi apenas:



— É um país lindo, Majestade, mas chove bastante.

— A chuva é saudável. Para o corpo e para o campo.

— Sim, é verdade. — Que cansativo. Ela ter-me-ia chamado para uma audiência particular para discutir a minha falta de um chapéu adequado e o clima insuportável? Por aquele andar, eu nunca ia chegar ao meu quarto a tempo de me lavar, trocar de roupa e voltar ao salão cavernoso para tomar o chá obrigatório.

Sem avisar, ela disse:

— O Alfredo está muito agradado convosco. Estou certa de que não notastes, mas deveis saber que ainda há pouco tempo pensei em vós como noiva para ele.

A sério? Aquilo foi quase tão surpreendente como Alfredo estar agradado comigo, porque eu não tinha notado nada; e mesmo que tivesse notado, não poderia admiti-lo. Para ela, uma dama nunca deve notar o interesse de um cavalheiro. Mas, ao recordar a observação de Alfredo, quase revirei os olhos. Se era assim que o filho dela expressava interesse, tinha muito que aprender. Ainda assim, a revelação, que ela planeava fazer em privado, surpreendeu-me. Não lhe bastaria conquistar a minha irmã como conquistara a Índia? Acharia que as princesas dinamarquesas vinham aos pares, como sapatos ou luvas?

— Eu gostaria de ouvir o que pensais — disse ela, com um leve tom de reprovação. — Temo que não seja um casamento adequado agora, mas a vossa resposta determinará se escolho falar com vosso pai. É importante para mim — *vital*, mesmo — que ninguém se case contra os seus desejos.

Eu duvidava que os meus desejos tivessem algum impacto na sua decisão. As princesas dinamarquesas podiam vir aos pares, mas ela tinha muitas outras noivas para escolher para o seu filho. Engolindo para afastar a secura que o frio produzira na minha garganta, respondi:

— Eu não conheço Sua Alteza, Majestade.

— Isso pode ser remediado. Podeis ficar connosco algum tempo depois do casamento, como nossa convidada. Vossa irmã ficaria encantada. Coloquei as casas de Sandringham e Marlborough à disposição de Bertie, para que haja bastante espaço. Naturalmente, cuidarei de todas as vossas despesas.

— As minhas despesas? Não somos assim tão pobres, Majestade. Em breve, meu pai será rei da Dinamarca.

A minha indignação explodiu antes que eu conseguisse contê-la. No silêncio pesado que se seguiu, vi as suas sobrancelhas louras e quase invisíveis a erguerem-se discretamente.

— Sois fogosa — observou Vitória. — Eu já fui uma rapariga fogosa. Demasiado fogosa, dirão alguns.

Mais uma vez, a escuridão ensombrou-lhe o olhar, afundando-se nos seus olhos e curvando-lhe os cantos da boca para baixo. A morte do seu amado Alberto assombrava-a.

— Majestade, sinto-me honrada pela vossa consideração, mas com a minha irmã a viver tão longe do nosso país, eu não gostaria de causar outra perda desse tipo aos meus pais.

— No entanto, todas as raparigas devem casar. — Ela olhou-me com uma expressão impassível, como se nada, nem mesmo a recusa completa, pudesse afetar a sua pose. Quando não respondi, ela disse: — Sim. Realmente demasiado fogosa, lamento. E com uma determinação igual. Muito bem, então. Não voltaremos a discutir o assunto. Deveis apressar-vos, para não vos atrasardes para o chá.

Fiz uma vénia profunda e dirigi-me para a porta. Ela não se moveu da sua cadeira, olhando para aquela lareira vazia, mas quando me preparava para sair, ouvi-a dizer:

— Tenho pena do homem que se case convosco, Dagmar da Dinamarca. Não sereis fácil de domar.

Soou como uma acusação. E isso agradou-me.

Esgueirei-me para o quarto de Alix depois de mais um jantar sério, durante o qual, à semelhança dos chás, Vitória deteve todo o comando — um evento solene pontuado por pratos encharcados em molhos castanhos e conversas inócuas por cima do tilintar de copos de cristal e garfos de prata.

A minha irmã estava agora sentada na cama, envolta num manto, com o cabelo solto e a olhar perplexa para o elaborado vestido de noiva que repousava num manequim num canto — um vestido branco e prateado de rendas de Honiton, enfeitado com flores de laranjeira feitas de seda. Ao lado dele estava um cofre aberto recheado com fios de pérolas, uma tiara de diamantes e outras joias, e esperava-se que ela usasse tudo na cerimónia, segundo as ordens da rainha.

— Olha para isto. — Ela levantou um pendente cravejado de pedras preciosas. — Reconhece-lo?

Olhei para ele.

— É a Santa Cruz de Dagmar? — perguntei, incrédula.

— Uma réplica — respondeu Alix. — Mas igual à original em todos os detalhes. O rei Frederico enviou-ma como presente. Ele queria vir ao casamento, mas Sua Majestade achou melhor não.

Claro que Vitória não quis. O nosso rei sem descendentes e a sua atual amante, uma plebeia sem uma gota de sangue real, não eram bem-vindos. Mas a réplica da joia do século XIII reverenciada na Dinamarca era bonita. Extraordinária, de facto, e mais valiosa do que qualquer coisa que já tivéssemos possuído. A minha irmã preparava-se para viver uma vida de luxo, mesmo arriscando-se a passar o resto da vida gelada, uma vez que Vitória não parecia disposta a deixar acender as lareiras, e que abria as janelas de todas as divisões onde entrava, para deixar entrar todo aquele saudável ar britânico.

— Ela parece um ogre, não parece? — Passei os dedos pelas rendas delicadas que debruavam o vestido de noiva, que fazia lembrar um me-rengue. — Toda a gente tem pavor dela. Viste-a no jantar esta noite? — Baixei o tom de voz para imitar o tom angustiado de Vitória: — *Alfredo. Chega de vinho. Temos outros convidados que desejam beber. Vicky, por favor afasta os cotovelos desse rapaz da mesa. Bertie, tens mesmo de falar da Índia? Estamos a comer. Não quero ouvir falar de presas de elefante.* Não há dúvida que sabe manter os filhos na ordem.

Alix franziu a testa.

— Ela é mãe deles. É o dever de uma mãe.

Parecia irritada. Pensando que estava zangada por eu não ter vigiado convenientemente os nossos irmãos mais novos como prometera — especialmente depois de uma das suas traquinices na sala de estar, em que pisaram o *spaniel* preferido de Vitória e o fizeram ganir —, acrescentei:

— Não vais sentir saudades da mamã. A rainha é igual a ela, embora a mamã seja mais bonita.

— Não deves dizer essas coisas — repreendeu Alix, mas um sorriso afflorou-lhe nos lábios. — Ela convocou-te para uma audiência privada hoje. É inédito; toda a gente comentou. O Alfredo foi falar com o Bertie depois disso. Parecia transtornado.

— Como é que sabes? Ele parece sempre transtornado. Deve ser a digestão. Ele come demais.

Alix riu-se, para meu alívio.

— Sem dúvida. Vai ficar obeso antes dos 30 anos. A rainha falou-te dele?

— Na verdade, falou. — Lancei-lhe um olhar feroz. — Disse-me que o Alfredo estava muito agradado comigo e que tinha pensado em mim como noiva para ele, mas não achava que seria um casamento adequado. — Fiz uma pausa. — Falaste-lhe do Nixa?

— Do interesse dele em ti? Não. Ela só sabe que eu o recusei. Disse que foi uma escolha muito sensata. Acha que a Rússia é um país bárbaro, muito duro para as noivas estrangeiras.

— Devia estar a falar das noivas dinamarquesas. Os Romanov tiveram muitas noivas alemãs no passado, e nenhuma morreu vítima da sua barbárie, tanto quanto sei.

— Talvez ela esteja preocupada contigo — observou Alix.

— Porque haveria de estar? Com quem eu me caso não lhe diz respeito. E se o Alfredo está tão interessado, devia ter-mo dito, em vez de ir pedir à mãe que o fizesse por ele.

— Duvido que ela esperasse que ele manifestasse interesse. — Alix fez uma pausa. — Se tivesses dito que sim, poderias ter ficado aqui comigo.

Fiquei surpreendida.

— É isso que queres? Estás a ter dúvidas, agora que aqui estás? — Quase acrescentei que depois de conhecer Vitória, eu teria certamente dúvidas.

— Não. Mas lembra-te do que te disse: ouve o teu coração...

— E uso a minha cabeça. Não me esqueci.

Fitámo-nos, a curta distância entre nós a parecer subitamente muito grande, quase insuperável.

— Não sei o que vou fazer sem ti — disse eu, por fim, baixando o olhar. — Nunca mais será o mesmo, pois não?

— Não. — Ela avançou para mim e apertou-me as mãos. — Mas seremos sempre as mesmas. Minnie, promete-me que nunca vamos mudar. Seremos sempre irmãs que se amam, aconteça o que acontecer.

— Para com isso. Vai fazer-me chorar antes do casamento.

— Promete. — Ela apertou-me as mãos com mais força. — Preciso de te ouvir dizê-lo.

— Sim. — Senti um nó na garganta quando sussurrei: — Prometo. Irmãs para sempre.

— Aconteça o que acontecer. — Ela inclinou a cabeça para beijar os meus dedos. Depois, estendeu a mão e encostou a palma à minha face. — És tão forte. Mais forte do que imaginas. Hoje recusaste a rainha Vitória. Que outra princesa ousaria fazer isso?

Abstive-me de responder que ela certamente não o teria feito. De que serviria?

Alix levantou-se.

— E não te preocupes comigo. Sei que vou ser feliz aqui. O Bertie é muito bondoso. Temos a vida inteira pela frente.

Era todo o consolo que eu podia esperar. Que mais podia ela fazer neste momento?

— Isso tem de ser consolo bastante para todos — respondi enquanto ela se voltava para o cofre e fechava a tampa. — Imagina o alvoroço se decidisses cancelar o casamento.

Alix ficou imóvel. Depois começou a rir, e eu soltei também uma gargalhada.

## Uma mulher governa sempre. Mesmo quando está nos bastidores do trono.

Um belíssimo romance, com vislumbres da história da Europa desde o final do século XIX até meados do século XX. Acompanhando a vida de Maria Feodorovna, a mãe do último czar da Rússia, viajamos dos opulentos palácios de São Petersburgo aos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, desde a corte da Rainha Vitória até à ruralidade russa dominada pelos bolcheviques.

Depois de Alix, a sua querida irmã mais velha, ter desposado um dos príncipes de Inglaterra, Minnie percebe que terá destino semelhante. Apesar da sua relutância, casa-se com Alexandre, o herdeiro do trono dos Romanov, ascendendo a imperatriz.

Com a morte do seu marido, o filho Nicolau torna-se czar da Rússia, e, com esse poder, chegam os conflitos. A mulher de Nicolau, fortemente influenciada por Rasputine, é apenas uma das ameaças que Minnie, agora Maria Feodorovna, tem de enfrentar para proteger o seu filho e o seu império.

Quando ecos da revolução começam a chegar ao palácio, a Imperatriz Romanov prepara-se para enfrentar o seu maior desafio.

«Uma narrativa com assassinios, decepções, mentiras e traições  
em quantidades dignas de uma obra de Shakespeare.»

*Kirkus Reviews*

Do mesmo  
autor:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897878817



9 789897 878817 >